

PESQUISA

Previsto crescimento este ano

Inflação ficará entre 20 e 40% no segundo trimestre, acreditam dirigentes

A economia brasileira crescerá em 1990, embora modestamente, e a inflação mensal ficará entre 20% e 40% no segundo trimestre deste ano, caindo de modo gradativo até dezembro, segundo as opiniões dominantes entre 277 dirigentes de empresas entrevistados em janeiro pela Editora BBT (Brazilian Business Trends). Menor intervenção do Estado e privatização de estatais são as duas primeiras condições apontadas pela maioria para crescimento com democratização econômica nos anos 90. São as seguintes as principais avaliações coletadas na pesquisa:

- Para 59% dos entrevistados, o Produto Interno Bruto (PIB) crescerá até 15%; apenas um sétimo desse grupo prevê expansão superior a 3%.
- O saldo comercial será igual ou inferior ao do ano passado, segundo 77% das respostas.
- A proposta de Fernando Collor com maior probabilidade de realização é o choque de credibilidade. Se o choque não produzir resultados imediatos, a saída será uma política recessiva para combater a inflação.
- Somente 21% espera uma inflação mensal de um dígito (abaixo de 10%) no segundo trimestre, isto é, no trimestre inicial do governo Collor.
- Mas 41% julgam possível uma inflação de 10% ou menos no fi-

nal do ano. A maioria, 56%, prevê uma inflação de até 40% no período de março a junho.

■ Pouco mais de 19% programam investimentos para aumento de capacidade produtiva neste ano. As demais respostas indicam investimentos em qualificação de pessoal, em novas tecnologias, em marketing etc. Em suma, a maioria pretende aplicar capital mais no aperfeiçoamento da empresa e na conquista de mercados do que na ampliação do parque produtivo.

■ Os investimentos dependerão prioritariamente do controle da inflação para 29% dos entrevistados e da estabilidade política para outros 26%. Aparecem depois, em ordem decrescente de importância: redução dos juros, disponibilidade de créditos de longo prazo, abertura da econo-

mia, liberdade de preços e realismo cambial.

■ 48% das empresas pesquisadas mencionaram problemas de preços atrasados em relação aos custos. Os preços impostos pelos fornecedores são o maior problema de custo para as empresas de médio porte (201 a 500 empregados). As pequenas (até 200 empregados) e as grandes (acima de 500) apontam os salários como séria fonte de pressão sobre os custos. Tarifas públicas e importados não parecem pesar significativamente para nenhum dos grupos.

A BBT& Associados é dirigida pelo professor Yuichi Tsukamoto, da Fundação Getúlio Vargas e da Faculdade de Economia e Administração da USP.